

Editorial

Fechamento do volume 59 (30 anos da retomada dos *Anais MHN*)

O ano de 2025 e o volume 59 dos *Anais do Museu Histórico Nacional* – que ora é publicado – são muito especiais para a história do periódico e do Museu Histórico Nacional. A criação dos *Anais MHN* remonta à própria criação do Museu Histórico Nacional em 1922 por um decreto do presidente Epitácio Pessoa. O decreto nº 15.596, de 02 de agosto de 1922, aprovou o regulamento de funcionamento do museu, no qual ficou determinada a publicação do periódico do museu. O artigo 12 do regulamento estabelece as competências do diretor, dentre eles, a de dirigir a publicação. Mais adiante, no artigo 38, fica esboçada sua linha editorial:

Nos *Anais do Museu Histórico Nacional* serão insertos catálogos, monografias históricas, preleções e conferências efetuadas por iniciativa do museu e trabalhos escritos por funcionários ou por estranhos a respeito de objetos pertencentes às seções ou a respeito de outros da mesma natureza que merecerem ser estudados.

As gigantescas tarefas de criar uma instituição desse porte, no entanto, fizeram com que a primeira edição dos *Anais MHN* só viesse a lume no ano de 1940. A partir dessa data, foram 26 edições quase ininterruptamente até o ano de 1975, quando é iniciado um hiato que durará vinte anos, período também em que o museu passará, talvez, por seu pior momento, funcionando de forma bastante precária.

Esse período sombrio iria começar a terminar com a nomeação de Solange Godoy para dirigir a instituição em 1985. A professora e museóloga conseguiu, em um cenário brasileiro de redemocratização depois dos anos de ditadura civil-militar, reerguer o museu e estruturá-lo em moldes semelhantes ao que ele funciona até hoje.

O museu seguiu seu processo de fortalecimento e organização com a nomeação de outra professora de museologia, Vera Tos-



tes, diretora do museu a partir de 1995. Tostes encampou a ideia de retomar a publicação dos *Anais MHN*. Para esse empreendimento, contou com o apoio de Cícero de Almeida, professor de museologia da Unirio e atualmente diretor do MHN, à época trabalhando na Coordenadoria de Integração de Ações Museológicas do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), e do poeta Sebastião de Uchoa Leite, que era o responsável pela Coordenação de Editoração daquele órgão.

Os recursos do IBPC, somados à boa vontade e ao entusiasmo dos servidores das duas instituições pelo projeto de retomada de tão tradicional periódico, possibilitou que fossem publicados os volumes 27 e 28. A partir do volume 29, o historiador José Neves Bitencourt tornou-se responsável pela publicação do periódico, o que realizou até o ano de 2004.¹

A retomada da publicação se deu com bastante consistência. Desde então, suas edições se tornaram regulares e anuais, de acordo com sua proposta editorial. Para além disso, o periódico foi perdendo o seu caráter endógeno e se aproximando das comunidades acadêmicas do Brasil e do exterior, que passaram a publicar com mais frequência e a atuar como editores convidados para organizar seções e dossiês temáticos.

Em 2004, com a ida de José Neves a Belo Horizonte para trabalhar na coordenação técnica do Museu Histórico Abílio Barreto, a historiadora Aline Montenegro Magalhães, que já publicava artigos e organizava seções nos *Anais MHN* desde o volume 31, assume a edição do volume 37, publicado em 2005. Já no volume seguinte, Aline passou a ter a companhia do também historiador Rafael Zamorano Bezerra, com quem dividiu a responsabilidade pela edição do periódico por dez anos.

Importante destacar que, durante todo esse processo de consolidação da retomada dos *Anais MHN*, o museu esteve sob a direção de Vera Tostes, entusiasta do projeto desde a primeira hora, que garantiu recursos financeiros junto ao Instituto do Patrimônio

¹ Assista ao vídeo em que Cícero de Almeida, atual diretor do MHN, e José Neves contam os primórdios dessa retomada: [ANAIS MHN: 30 anos de retomada](#)

Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e posteriormente ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) para a produção editorial e a impressão do periódico.

Nesse período, acentuaram-se as características de um periódico científico, com a incorporação da permanente chamada pública para submissão de artigos, bem como a introdução da avaliação duplo cega por pares, a partir do volume 40 (2008). Os Anais MHN passaram então a ser também avaliados pelos critérios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), integrando-se, assim, ao sistema de avaliação de periódicos científicos do país.

Em 2016, o professor de literatura e editor, Álvaro Marins, e o antropólogo André Amud Botelho chegaram ao MHN para reforçar o Núcleo de Pesquisa (Nuples) do museu. Transferidos da sede do Ibram em Brasília, onde trabalhavam na Coordenação de Pesquisa e Inovação Museal, trouxeram na bagagem bastante experiência com as publicações do instituto e se juntaram a Aline e a Rafael na equipe editorial do periódico. Com uma equipe mais robusta foi possível ajustar procedimentos editoriais, aprimorar os serviços contratados de bureaus e gráficas, bem como controlar melhor a qualidade e os prazos de entregas dessas empresas.

A partir do volume 50, uma outra grande inovação foi realizada. Este foi o primeiro volume publicado na plataforma Open Journal System (OJS). A criação da página eletrônica dos Anais MHN nessa plataforma on-line utilizada pela esmagadora maioria dos periódicos científicos do Brasil e do mundo ampliou enormemente o impacto da publicação no campo dos museus do país.

O número de leitores que passou a ter acesso aos seus textos multiplicou-se de forma significativa. Isto porque uma edição impressa dos Anais MHN podia levar alguns poucos anos para ser esgotada, resumindo seu acesso a pouco mais de 1.000 leitores, se levarmos em consideração sua tiragem que nunca ultrapassou esse número.

Para se ter uma ideia do crescimento do número de leitores da publicação, podemos levar em conta os dados de acessos a resumos e downloads de artigos. No ano de 2024, houve 10.696 aces-

sos a resumos de textos e 13.268 downloads de artigos, uma média superior a 1.000 artigos por mês. E essas médias continuaram crescendo significativamente ao longo do ano de 2025. Contribuiu para esses números o fato de a plataforma OJS possibilitar a publicação dos textos PDF independentes, sem que leitoras e leitores necessitem baixar volumes completos do periódico.

Além disso, a partir do volume 50, as edições dos Anais MHN reduziram pela metade os seus custos, pois não foram mais necessárias as despesas com impressão. A mudança para a publicação on-line revelou-se, portanto, providencial em termos de recursos para as edições, pois, a partir do volume 51 (2019), foram cortadas todas as verbas para a produção editorial antes disponíveis para o MHN, o que, na prática, inviabilizava a continuidade do periódico.

Por uma decisão política de seus editores, decidiu-se manter a publicação, com os próprios editores assumindo todas essas tarefas editoriais (copidesque, diagramação e revisão), aumentando muito seu volume de trabalho dentro da publicação, prejudicando outras funções que os profissionais exerciam no Núcleo de Pesquisa do museu.

Foi por conta dessa atitude que o periódico continuou a existir, mesmo em condições inadequadas do ponto de vista de sua profissionalização. A despeito dessas dificuldades, o periódico passou a lançar chamadas públicas para as organizações de dossiês, ampliando e consolidando o caráter republicano de suas edições.

Depois dos anos difíceis devido às condições sanitárias impostas para o combate à pandemia do COVID-19, o ano de 2022 trouxe novos desafios para os Anais MHN com a saída quase simultânea de dois de seus principais editores, Aline Montenegro e Rafael Zamorano.

Foi o ano também que chegaram para integrar a equipe a historiadora Daniele Del Giudice e a cientista social Patricia Mafra. Essas mudanças provocaram muitas reflexões, diagnósticos e a elaboração de uma nova composição editorial, bem como a adoção de um novo fluxo editorial e do método de publicações dos artigos em fluxo contínuo.

Para melhor organização da demanda de trabalho que crescia a cada volume, com o progressivo aumento de submissões, bem

como diante da complexidade de trabalhar à distância com organizadores de dossiês residentes nos mais diferentes recantos do país, criamos editorias com funções específicas: editoria executiva (Patricia Mafra); editoria de indexação e impacto (Daniele Del Giudice) e editoria científica (Álvaro Marins e André Botelho). Isso permitiu que cada um dos editores se concentrasse em suas funções específicas, além de continuar dividindo as funções editoriais rotineiras relacionadas à copidesque (Álvaro), diagramação (André) e revisão (Daniele).

A editoria de impacto engajou-se na prática da indexação, com o propósito de que o periódico *Anais MHN* fosse reconhecido e integrado por indexadores e divulgadores, que requerem adequação contínua dos periódicos aos seus critérios e aos posicionamentos estabelecidos no diálogo com a Ciência Aberta. Consequentemente, antigos procedimentos foram avaliados conforme sua pertinência, e outros foram acordados, buscando a conformação do periódico às exigências prescritas por cada indexador/divulgador, como, por exemplo, a diminuição de sua endogenia, dedicando-se, de tal maneira, à diversificação de autores e de temas.

Uma outra preocupação da editoria de impacto tem sido aquela concernente à sua preservação, já que o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) ainda não firmou uma política para a preservação digital de suas coleções. Para isso, a editoria tem buscado a colaboração do Ibict, passando o periódico a ser preservados pela Rede Cariniana,² estando presente no Diretorium.preserve BR³.

Em 2023 recebemos na equipe o historiador Cristiano de Barros, que assumiu uma das editorias científicas e, compreendendo as necessidades do periódico, sem profissionais contratados para as tarefas do fluxo de produção editorial, dispôs-se a aprender os protocolos da revisão e passou a dividi-la com a Daniele.

² Ver: <https://cariniana.ibict.br>.

³ Ver: <https://diretorium.cariniana.ibict.br>.

No ano seguinte, outra grande contribuição foi a da designer Luciana Peralva, que mudou o projeto gráfico do periódico e assumiu completamente as fundamentais tarefas da diagramação.

Chegamos assim ao ano de 2025⁴ e, com a chegada do novo diretor, o professor Cícero de Almeida, que conseguiu articular recursos para a contratação dos serviços de copidesque dos textos. A contratação foi fundamental para que avançássemos na publicação dos textos do dossiê “Museus, memória e museologia indígena”, organizado por Alexandre Gomes e Suzenalson Kanindé, que recebeu 37 submissões.

O ano de 2025, portanto, foi de muito trabalho, de algumas conquistas e de celebração dessa retomada que começou em 1995, completando, assim, 30 anos de publicações ininterruptas dos Anais do Museu Histórico Nacional. No primeiro semestre, publicamos o dossiê “Museologia social e outras museologias possíveis: o museu que não cuida da vida não cuida de nada”, organizado pelos professores Mario Chagas e Maria Helena Versiani; inauguramos a seção Acervo MHN; e fechamos este volume 59 com o dossiê “Museus, memória e museologia indígena”, organizado pelos professores Alexandre Gomes e Suzenalson Kanindé.

A Seção “Acervo MHN” busca ser um espaço no periódico aberto a textos sobre itens ou coleções do acervo do Museu Histórico Nacional ou mesmo sobre o próprio museu, que podem ter um caráter mais livre, como crônicas, memórias pessoais, reflexões profissionais, pesquisas em andamento, entre outros. Iniciamos a seção com três textos: “[Entre cordas, memórias, versos e temporalidades: a presença de Cazuza no Museu Histórico Nacional](#)”, de Moana Soto; “[Biblioteca do Museu Histórico Nacional: história, memória e patrimônio cultural](#)”, de Gisely Miranda; e “[Filosofia de mais de um par de botas: os potenciais de pesquisa de sapatos como objetos museológicos](#)”, de Cecília Soares.

⁴ Para outros olhares sobre as modificações que os Anais MHN sofreram nos últimos anos e suas perspectivas, assista a live comemorativa realizada pelo Museu Histórico Nacional com os editores e ex-editores, no link [ANAIIS MHN: 30 anos de retomada](#).

Além disso, tivemos a honra de receber e publicar na seção “Artigos” um texto submetido pela antropóloga e historiadora, além de imortal da Academia Brasileira de Letras, Lilia Moritz Schwarcz. Trata-se do artigo [“O soldado negro com estrela na mão: sobre o silêncio que ronda a tela de Maria Emília Campos”](#).

Todo esse rico conjunto presente no volume 59 dos *Anais do Museu Histórico Nacional* significa para nós uma espécie de prêmio por nossa persistência e determinação. Compartilhando essa celebração com nossa(o)s fiéis leitoras e leitores, desejamos, mais uma vez, uma ótima leitura.

Editoras e editores dos *Anais do Museu Histórico Nacional*